

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES PARA TRABALHADORES

TEBE

C. M. B.
BIBLIOTECA

Director honorário:
M. CAMPOS HENRIQUES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - Ric

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador **ANTÓNIO BAPTISTA**

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

VÁRIOS operários vieram ao nosso encontro solicitando-nos a prosseguir nos artigos que vínhamos formulando sobre o crucial problema da falta de casas habitáveis e a preços acessíveis.

Se, de facto, o problema começou a ser encarado com maior amplitude pelos dirigentes da Nação, também é certo que não encontrou no seio de Barcelos aquele interesse que poderia determinar o âmbito para um estudo sério de próximas realizações.

Quer dizer, em Barcelos, o problema ainda não foi encarado com aquela profundidade capaz de desfazer constrangimentos burocráticos de interesses puramente individuais.

Só uma acção coordenadora, superiormente orientada, poderá levar de vencida determinados obstáculos que foram de ontem, continuam a ser de hoje e só não serão de amanhã se a razão e a coragem passarem por cima de independências totalmente absolutas.

Porque se "todo o homem está integrado numa família, e isto quer dizer que tem com outros seres humanos relações especiais por esse motivo", isto é, relações de ordem espiritual e sensitiva, justo é que se fortaleçam os elos sagrados da existência para o revigoração da família sem penosos complexos de constantes constrangimentos sociais.

"Todos os afectos de ordem familiar, que parecem fortalecer e justificar a durabilidade da família, são afinal produto social e desaparecem uma vez ela de-

O Magno Problema Habitacional da Classe Trabalhadora

Por **ANTÓNIO BAPTISTA**

saparecida. São efeito e não causa".

O problema da falta de alojamentos que satisfaça o mínimo da higiene e salubridade é tão confrangedor e exerce na vida das famílias numerosas tão magno problema, que se vêem na desoladora condição de viverem longe dos locais do trabalho, tantíssimas vezes fora da urbe, acarretando deste modo à massa trabalhadora um dispêndio de energias, um desgaste de forças, dificilmente compensadas, mercê de caminhadas forçadas, por vezes autênticas correrias, imperiosamente necessárias para chegarem a horas de cumprirem o horário que se determinou independentemente de interesses particularistas.

Como resolver o problema? Como estudar a questão?

Se nos pudéssemos pronunciar em toda a amplitude do nosso pensamento e encontrássemos em todos que nos rodeiam um certo interesse pela objectivação do assunto, não como assunto específico em si, mas como assunto "trágico da família sem lar" a reprovação daria lugar à aprovação e a ideia de uma reacção inteligentemente formulada seria levada às camadas directivas com aquele bom senso e ponderação necessárias.

E então, estudado o assunto, não com a leveza de ânimo de coisas inúteis; mas com o investimento dos capitais arrecadados pelos cofres da Providência talvez se pudesse realizar uma obra.

As casas de luxo dariam lugar a casas tipicamente modestas, lindas; nitidamente airosas, embora simples; incontestavelmente higiénicas, embora sem luxo.

E quando o operário médio se apercebesse que realmente o seu problema e dos seus estava em vias de realização; do infortúnio e da descrença, da amargura e do arrefecimento, algo de belo e de renovador passaria nos seus

olhos para se reflectir, depois, no seu coração por vezes endurecido e de bater irregular.

Também o problema da falta de lares habitáveis a preço acessível é resultante da falta de iniciativa particular principalmente da classe mais favorecida pela fortuna. Por outro lado a iniciativa oficial também deixa muito a desejar neste capítulo, que se encarna, com verdade, na cidade do Cávado.

"O homem é uma pessoa. Na prossecução de fins próprios ela faz-se, constroi-se; é acto, mas sempre potência de novos actos; é uma constante acção orientada para um valor. A personalização é uma verdadeira libertação, porque o corpo está enraizado, pregado à natureza física, determinado pelo meio ambiente. Neste estado de prisão o homem ainda é indivíduo, átomo de um

todo, ser do reino animal. Se esse átomo toma um sentido desligando-se da determinação do meio, e se dirige por si, livremente, para os seus fins próprios, que lhe estão destinados, torna-se uma "pessoa".

Portanto o que torna o homem um ser com possibilidades de libertar-se, de racionalizar-se é o meio material de realizar-se.

Esse meio natural de realizar-se só é possível pela família. E a família só pode prosseguir na sua constituição por uma interpenetração de gostos, sentimentos e laços afins.

Para tornar a família digna e autónoma da sua razão de ser, com personalidade humana precisa de corrigir o desenvolvimento moral do ser... neste caso, o do filho. Esta correcção natural só pode ser eficiente pela educação e esta só pode ser fornecida à criança pela família.

Num lar onde a promiscuidade seja arbitraria, a família, nomeadamente os filhos, caminham para a deformação moral. E a sociedade, sem querer, é vítima destes atentados que se fomentam numa continuidade confrangedora.

Portanto, o que seria viável e lógico seria fomentar o plano de moradias que comportassem o agregado familiar de molde a tornar o futuro homem um cidadão digno, fazendo parte de uma comunidade cujos fins em vez de pessoais se transcendessem até à Nação.

Por outras palavras, nunca arrear das memórias infantis os elos sagrados da tradição, da cultura, da educação e, ao mesmo tempo, da comunidade.

O valor da família reside, em grande profundidade, da educação. E esta só pode realizar-se na espiritualidade do lar.

Negar à família a sua estabilidade é negar à razão toda a sua utilidade.

Logo, negando à família os meios necessários à sua existência, é negar-lhe a possibilidade de conformar-se.

O homem no seu viver, no seu sentir, no seu reparar, só pode ser feliz quando o pão e o trabalho derem mãos sob o tecto dum lar.

Labirinto

(INÉDITO)

*Nos meus olhos cansados
bailavam sonhos longos.*

*Sonhava-me indiferente
a tudo inacabado...*

*Havia uma distância
adormecida. E longe,
muito longe... rompia
em gestos vagarosos... a fantasia.
Louco...*

*perdia-me na bruma
de mais loucos desejos...*

*e vagava suspenso
na largura infundável*

*de ir... seguir... partir
na rota voluptuosa*

do eterno mais além...

Mistério indefinido

a esvair-se inerme

*na longa ultrapassagem
de angústias desmedidas,*

perdidas sempre áquem...

E a rota inacabada

persiste sempre em mim.

Barcelos,
Abril-1956

António Baptista

O Pensamento do mês

São as nossas acções que devem falar por nós; mais vale merecer louvores e recompensas sem as receber, do que recebê-las sem ser digno delas.

Bayard



Secção dirigida por JAIME FERREIRA

CHEGAMOS finalmente ao termo deste primeiro concurso, que denominamos PASSATEMPO.

Não podemos classificar os seus resultados de muito bons, nem sequer talvez de bons, pois os concorrentes que, directamente, se interessaram por ele, no intuito de obterem alguma compensação, fizeram-no somente com esse interesse. Bem sabemos que é sempre na mira de se obter qualquer compensação que, geralmente, nos decidimos a desviar a nossa atenção, as nossas horas de folga, mas nem só de pão vive o homem...

A grande maioria, para não dizermos a sua totalidade (sempre há um ou dois que se dedicam a estas coisas) não se deu ao trabalho de aplicar as suas faculdades intelectuais (por muito reduzidas que fossem) a fim de procurar por si só resolver alguns dos fáceis "problemas" que aqui apresentamos.

Conseguiram iludir-se a eles próprios... sim, porque muito embora o seu nome apareça como concorrente, não pode considerar-se decifrador, um indivíduo interessado nestes problemas que se limita a copiar ou a beber noutras "fontes" o trabalho que apresenta como seu. Estes simples problemas são destinados a desenvolver a cultura, fazendo lembrar factos esquecidos e até a instruir aqueles que não tiveram oportunidade de tomar conhecimento desses factos.

Houve, no entanto, bastantes pessoas que se interessaram indirectamente pelo nosso PASSATEMPO. Esta é, talvez, a nossa única satisfação, pois verificamos que esse interesse premeia, até certo ponto, a tarefa a que metemos ombros, sem outra mira, senão a de desenvolver o gosto por estas coisas, que não sendo difíceis, exigem conhecimentos da matéria que se aprende nos primeiros anos do Liceu.

É para essas pessoas que vão, em primeiro lugar, os nossos agradecimentos, pelas palavras estimulantes que nos dirigiram.

Para todos os concorrentes, para aqueles que chegaram ao fim desta primeira fase, para os que ficaram pelo caminho, vão igualmente os protestos dos nossos agradecimentos sinceros, pois foi para eles que nos decidimos a apresentar este PASSATEMPO.

A todos, pois, o nosso muito abrigado.

Vamos apresentar as soluções dos problemas apresentados no número do mês de Março e que constituíram a

VIII SÉRIE

I — Prova de argúcia

Os números são 858 e 777.

II — Aumentando letras

Poderíamos pedir 70 ou 80 vocábulos portugueses onde entram as letras ATO, com 3 ou 4 letras. Eis uma das soluções:

Ato — Ota — Tao — Tão — Toa — Acto — Alto — Anto — Apto
Arto — Asto — Atão — Atol — Atos — Atou — Atuo — Bato
Bota — Cato — Cota — Dato — Dota — Fato — Foto — Gato — Gota
Gôta — Iato — Jota — Lato — Lota — Mato — Mota — Nato — Nota
Opta — Orta — Osta — Otão — Pato — Pota — Rato — Rota — Sota
Taco — Tafo — Talo — Tamo — Tapo — Taro — Tato — Taxo — Tião
Toam — Toar — Toas — Toba — Toca — Toça — Toda — Toga
Toca — Tola — Tóla — Toma — Tôna — Topa — Tora — Tosa — Tota
Tova — Troa — Vota — Xato — Xota

III — Paciência geográfica

- 1) — Nova Lisboa
- 2) — Moçâmedes
- 3) — Sá da Bandeira
- 4) — S. Paulo de Luanda
- 5) — S. Filipe de Benguela

IV — Maçada de dominó

Sem dúvida que a pedra que fica de fora é *branca e sena*.

V — Quadrado mágico

Este quadrado, como aliás o anterior tinha duas soluções. A constante de total 34 (números de 1 a 16) ou de 54 (números de

6 a 21) é fácil de determinar. A cada um dos números citados, adicionaremos a constante 5, ou seja, a diferença entre 1 inicial do quadrado 1 a 16 e o pedido de 6 a 21 que dá 54.

E assim temos:

12	17	6	19
7	18	13	16
21	8	15	10
14	11	20	9

6	20	19	9
13	15	16	10
17	11	12	14
18	8	7	21

VI — Provérbios a adivinhar

- 1) — Roma e Pavia não se fizeram num dia.
- 2) — Gato escaldado da água fria tem medo.
- 3) — Na terra dos cegos quem tem um olho é rei.
- 4) — Pecado confessado é meio perdoado.
- 5) — Mais vale a quem Deus ajuda do que quem muito madruga.

VII — Hiéroglifos comprimidos

- 1) — Desigualdade
- 2) — Às duas por três
- 3) — Versos de pé quebrado
- 4) — Universo
- 5) — Maisena

VIII — Dedução lógica

Afinal não foi lógica, pelo menos para os nossos estimados concorrentes...

Pedíamos no enunciado para tomarem atenção para o seguinte: Nenhum dos fidalgos consente que o seu criado fique na companhia dos dois restantes fidalgos. Era importante esta cláusula do problema. Ora, quase nenhum dos concorrentes a tomou em consideração.

Assim, vamos indicar como procederam os três fidalgos:

Para melhor compreensão, designarei os fidalgos e respectivos criados pelos números 1.º, 2.º e 3.º. A passagem dos seis fez-se em viagens sucessivas, da seguinte maneira.

— 1.ª viagem — embarcam o 1.º e o 2.º criados retrocedendo o segundo com o barco.

— 2.ª viagem — embarcam o 2.º e 3.º criados retrocedendo o terceiro com o barco.

— 3.ª viagem — embarcam o 1.º e 2.º fidalgos retrocedendo o 1.º fidalgo e respectivo criado.

— 4.ª viagem — embarcam o 1.º e 3.º fidalgos, regressando com o barco o 2.º criado.

— 5.ª viagem e 6.ª viagem — embarcam dois criados de cada vez, servindo um deles de barqueiro para transportar o terceiro.

Depois de termos procedido à classificação das soluções recebidas, verificamos que faltaram dois concorrentes: João Cândido da Silva e Odraude.

A persistência é também uma virtude e pelo facto das suas classificações não serem boas, não havia motivo para não chegarrem até ao fim. O quadro dos Campeões ficou assim constituído:

QUADRO DOS CAMPEÕES

1.º	Licínio Waldemar Esteves	41,7 pontos
2.º	A. Lima F. Magalhães	37,9 "
3.ºs	{ Alfa	37,4 "
	{ Taquim e Tacos	37,4 "

Encontramos seguidamente os restantes concorrentes, assim classificados:

Odagled	37,3 pontos
Fremando	35,5 "
Mariolinda	31,9 "
Marimila	31,5 "
João Cândido da Silva	29,1 "
Odraude	26,7 "

(Continua na página 7)



Gênese de Fernando Pessoa

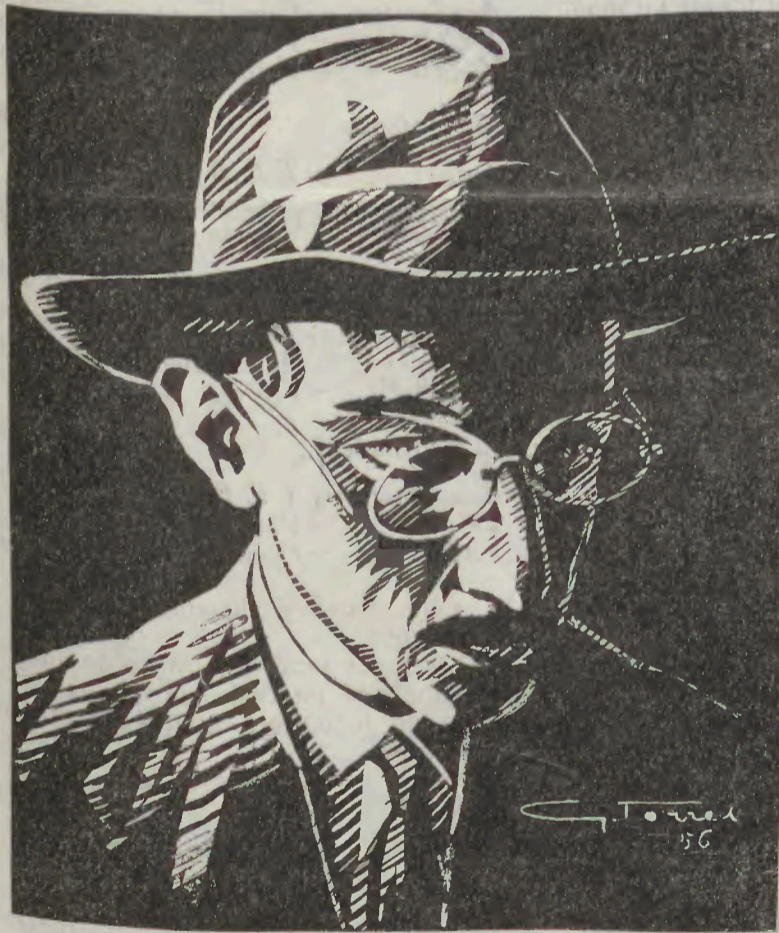
(CONFERÊNCIA)

FESTAMOS em 1912. Pessoa tem então 24 anos; ganha a sua vida trabalhando nalguns escritórios da baixa de Lisboa, redigindo a correspondência em inglês e francês, que eles mantêm com o estrangeiro.

À noite, longe das preocupações materiais, os amigos continuam a ouvi-lo com crescente respeito e admiração. Alguns jovens literatos sentem uma ânsia natural de se abeirarem do Mestre para lhe mostrarem as suas composições literárias.

Henrique Rosa, Mário Beirão, Ponce de Leão, Armando Cortes Rodrigues, António Ferro, Raul Leal e outros acamaram com Fernando Pessoa.

Na revista «Teatro», o poeta da Mensagem, publica uma série de artigos entre os quais salientamos o que se refere a Afonso Lopes Vieira quando da publicação do seu livro «Bartolomeu Marinheiro». Deste livro, Pessoa, censura e condena,



Fernando Pessoa

com critério, o que tem de condenável: a falta de simplicidade. Pois como se trata de um livro para crianças, este, no seu entender, deveria ser simples e de sublimidade acessível a inteligências em botão.

Pessoa, nas considerações críticas, tinha uma preocupação consciente: ser justo, imparcial e, por vezes (não muitas) tolerante. É certo que gostava de salientar o efeito da sua irreverência por uma troça intencional, que em nada diminuía a sua agudíssima sensibilidade crítica.

Por exemplo: a revista «Teatrália», órgão dos alunos da escola de Arte de Representar era toda colaborada por professores. Ora, quando Pessoa a ela se referia, tinha por preocupação salienta: «o aluno Júlio Dantas, o aluno Adolfo Coelho, etc.».

Sendo Pessoa tímido por natureza, era duma sensibili-

Pequena canção de amor

*Na mesma rua escondida,
as portas quase juntas,
nascemos, num qualquer dia,
cheio de sombras escuras.
Foi há tempos. E chovia
nas telhas
que cobriam as nossas casas velhas,
uma chuva lenta e fria
que nos levava a alegria
e as nossas esperanças futuras.*

*Mas, mais tarde, um outro dia,
o sol imenso aqueceu
as nossas casitas velhas
e fez dessa rua um céu.
A impertinente chuva
que lentamente escorria
por entre o musgo das telhas,
parando a alegria
— uma alegria de criança,
— Abriu-nos o coração
e encheu-o todo de esperança.*

*Nasceu, assim, o nosso amor menino!
Cheios de sol, de luz, de confiança,
demos, então tudo ao destino.*

Barcelos, 1944

Luis Fortuna de Carvalho

dade orgulhosa e, vá lá, senhor de sensações transformáveis e que, por egocentrismo aparente, se haviam de desdobrar em anseios significativos de uma opulência verbalística que o leva a afirmar a «inextinguibilidade do homem».

Neste caso, quando dizemos egocentrista, fazemo-lo dentro dum multiformismo que se há-de dividir, posteriormente, em diversas personalidades literárias, com profissões determinadas, idades certas, alturas, etc., etc.

Esses desdobramentos, que partem dum homem de talento invulgar e inconfundível, parecem estranhos e confusos; mas analisadas as obras, povoadas por esses personagens seus filhos, temos de constatar, embora por vezes pareça impossível, serem ditadas por um só indivíduo. É que só um génio bem equilibrado de emoções e conhecimentos seria capaz de criar assuntos poéticos de características opostas (por vezes demasiado opostas) a outras que anteriormente havia concebido. Mas só é possível escrever assim tendo-se talento para se ser mutável sem deixar de se ser verdadeiro.

Eis uma das muitas características do génio multiforme de Fernando Pessoa.

A poética do vate corresponde a uma «sinceridade que só diverge no aspecto, consoante a camada do ser em que se situa». Alguém afirmou, parece-nos que Mar TALEGRE, que o «anseio de sinceridade e de vivência está nesse desejo de identificar-se com a emoção, e deixá-la percorrer num caminho próprio e independente do criador».

E só assim, penetrando directamente na obra de Pessoa, se poderá compreender em toda a amplitude a razão de ser de toda a gênese do Poeta.

Continua no próximo número



Dirigida por José Pires Bigote

NOTICIÁRIO

REAUZOU-SE a primeira jornada da Taça de Honra do Minho de 1956, tendo-se verificado os seguintes resultados:

C. D. da TEBE, 2-Famalicense A. C., 2
T. O. C. Taipas, 3-Académico B. C., 5
S. C. Vianense, 4-Vitória S. Clube, 2

Nada se pode ainda dizer de concreto acerca do valor e possibilidades dos concorrentes pois que os primeiros contactos dão sempre uma ideia errada dos Clubes em rinque.

O Vitória Sport Clube de Barcelinhos tencionava apresentar durante a temporada das Festas das Cruzes um programa de oquei patinado com a colaboração do Estrela e Vigorosa e Infante de Sagres, mas pelo que se concluiu da leitura do último comunicado da Associação de Patinagem de Braga esta negará autorização para tal festival.

Pena é que tal suceda e estamos convencidos que atendendo às condições muito especiais que levam o Vitória a emprender uma organização que de certo modo muito contribuirá para a expansão da modalidade, a Associação abrirá uma excepção e concederá a autorização necessária.

Está em projecto a realização dum torneio entre os Clubes de Barcelos para a disputa de uma taça logo após o final da Taça de Honra.

Quando surgiu esta ideia alguém apresentou outra que a ter viabilidade não deixaria de constituir motivo de interesse. Era a organização dum torneio género Taça das Nações em que haveria um trofeu destinado ao grupo que venesse 3 anos seguidos, ou cinco alternados. Ao vencedor de cada ano seria entregue uma Taça miniatura.

Quanto a nós, esta ideia seria, na verdade, de muito interesse para o desenvolvimento da modalidade.

As parures TEBE, finíssimas e belas, são o sonho acalentado por todas as jovens.

Use sempre as malhas TEBE

Associação de Patinagem de Braga

Desta entidade recebemos a circular n.º 4/56, da qual extraímos o seguinte:

FILIAÇÕES:—Filiaram-se nesta Associação mais os seguintes Clubes:

Oquei Clube de Barcelos
Turismo Oquei Clube das Taipas

TRANSFERÊNCIAS:—Foram deferidos os pedidos de transferência dos seguintes patinadores Sêniores: Jaime Eurico Ferrão Soares, Adolfo Maria Jorge Terroso Gomes, Emanuel César Granado Reis, do Sporting Clube de Braga para o Académico Basket Clube; Cesário Ferreira, do Sporting Clube de Braga para o Vitória Sport Clube de Guimarães.

CAPITÃES DE EQUIPA E SEUS SUBSTITUTOS:—Devem os Clubes observar o que superiormente está determinado, quanto ao distintivo a usar pelo capitão da equipa e numeração das camisolas de todos os jogadores. Se por motivo de acidente ou de castigo, o capitão da equipa não estiver em jogo, deverá ceder o distintivo do seu cargo ao seu substituto.

Os Clubes que infringirem estas determinações, serão punidos com a multa de 50\$00. Nas reincidências a multa será elevada ao dobro.

TAÇA DE HONRA:—Inscreveram-se nesta prova os seguintes Clubes:

Turismo Oquei Clube das Taipas
Sport Clube Vianense
Clube Desportivo da TEBE
Famalicense Atlético Clube
Académico Basket Clube
Vitória Sport Clube



é um jornal escrito e redigido nas horas vagas por trabalhadores para trabalhadores.

De acordo com o Regulamento já publicado e apenso à circular n.º 3/56, de 4 de corrente, procedeu esta Associação à elaboração do calendário da prova em epígrafe, que a seguir se publica:

Jornada	Data	Clube 1	Clube 2	Horário
1.ª Jornada	Dia 25 de Abril	TEBE	Famalicense	às 21,50 h
		Taipas	Académico	às 22,20 h
		Vianense	Vitória	às 23,10 h
2.ª Jornada	Dia 28 de Abril	Académico	Famalicense	às 21,50 h
		TEBE	Vianense	às 22,20 h
		Vitória	Taipas	às 23,10 h
3.ª Jornada	Dia 2 de Maio	Taipas	TEBE	às 21,50 h
		Vianense	Famalicense	às 22,20 h
		Académico	Vitória	às 23,10 h
4.ª Jornada	Dia 5 de Maio	Famalicense	Taipas	às 21,50 h
		Vianense	Académico	às 22,20 h
		TEBE	Vitória	às 23,10 h
5.ª Jornada	Dia 9 de Maio	Académico	TEBE	às 21,50 h
		Taipas	Vianense	às 22,20 h
		Vitória	Famalicense	às 23,10 h

Esta prova é disputada por pontos numa volta.

Os jogos terão a duração de quarenta minutos. O intervalo da 1.ª para a 2.ª parte do jogo, terá a duração de cinco minutos.

BILHETES:—O preço de bilhetes para cada jornada será:

Peão	4\$00
Bancada	6\$00

Ficam isentos deste pagamento os sócios do Vitória Sport Clube.

CREDENCIAIS:—É indispensável que os Delegados dos Clubes aos jogos, se apresentem munidos de CREDENCIAIS, passadas pelo respectivo Clube. Não pode a identificação ser prestada pela exibição de cartão como Director de Clube, ou qualquer outro.

ORGANIZAÇÕES:—Chama-se a atenção dos Clubes para o facto desta Associação NEGAR AUTORIZAÇÃO para realização de quaisquer festivais ou organizações particulares, durante a disputa da Taça de Honra.

“ O S I N O ”

CONTO

Por FERNANDO LOPES

O outono entrou com um vento forte e seco que varria a poeira dos caminhos deixando-os com o cascalho vivo, um vento que num repente despiá árvores e latadas, que deixava um arrepio de frio na terra e nos corpos da gente.

Anoitecia. Um silêncio de vento envolvia S. Martinho. Calafetavam-se as fendas de portas e janelas prevenindo-se já uma noite fria, de penetrar nos ossos e pôr o mais forte com pontadas no lombo...

E ouviu-se então dobrar a finados. O sino gemia num dobre dorido, sentido, como se também um arrepio percorresse o seu bronze. E os ciprestes — que a igreja de S. Martinho tem dois velhos e belos ciprestes — gemiam também, sacudidos pelo vento, como se tocados pelo toque do sino, dorido, sentido, como irmãos gemendo a mesma dor...

A mãe de Augusto deixou o trabalho de colocar um retângulo de papelão a substituir o vidro partido numa janela. O seu rosto magro e duro enrugou-se numa amarga expressão de quem recorda. Prendia-a o toque do sino que o vento ora trazia vivo e dorido ora abafado e ténue como um som quase morto. E o Augusto olhou o rosto da mãe e vendo-o grave, fechado, atento de repente a qualquer coisa que não era o pedacinho de papelão, ficou inquieto. Fez-se também atento ao que vinha lá de fora. Nada. Só o vento e o toque do sino. Em que estaria pensando a sua mãe para assim sem termos deixar de o atanzar por ter partido o vidro? A curiosidade crescia-lhe e não se teve mais. De soco em punho, a mãe ainda há momentos lhe tinha cascado de duro, mas a curiosidade bulia-lhe lá por dentro e o Augusto esqueceu o soco e não se teve mais:

— Ó mãe...

A mãe não o ouviu e ele falou mais alto:

— Mãe... ó mãe...

— Que é, estafermo?!

— Mãe... é... é por anjinho que o sino toca?

— Não. Foi a Deolinda.

— Quais Deolinda?

— A filha mais nova da se Germano.

— Ah... já sei. Na escola até lhe puzemos o nome de «Lingrinhas». Até foi com a tuberculosa, foi?

— Isso. Morreu sequinha que nem palha. Que Deus lhe dê lugar lá no céu!

Os lábios da mãe tremeram-lhe numa reza e foi empurrar o papelão com o cabo do martelo, a querer ver se a coisa resisti-

ria. «Vou tê-la boa — pensava —, vou tê-la boa quando o teu pai puzer os olhos no papelão!» E depois, sem se virar para o filho, naquela voz áspera e brusca, na sua voz de sempre:

— Estafermo, vai atçar o lume! Não tarda aí o teu pai.

E o rapaz foi atçar o lume que não precisava de lenha. Sentou-se no chão, quase levou a cabeça até junto da panela e soprou até o lume avivar. Depois ficou a fitá-lo, a vê-lo crescer. Passou o tempo e o Augusto quieto, alapadinho no chão, sem uma palavra, cismando, olhos postos no lume. Passou o tempo, a mãe falou-lhe mas ele não a ouviu. Cismava. O vento trazia o toque dorido do sino — e era um toque triste, mais frio que o vento frio que passava através das telhas e do pedacinho de papelão, mais triste que a noite que descia pesada sobre a aldeia e a envolvia num arrepio. O lume morria de novo. O Augusto cismava. «Mãe, foi com a tuberculosa, foi?» O lume morria, um último cavaco estalava seco, chiando, contorcendo-se como um corpo que não resiste à dor. Morriam os pequeninos pontos vermelhos que o fogo deixava no bojo negro da panela. Só não morria o dobre dorido do sino que o vento trazia e punha o Augusto a cismar. Sim, era isso, era o sino! O lume e as suas caprichosas línguas vermelhas que subiam até ao testo da panela não era o que deixava o Augusto a cismar; o drama do cavaco verde com os estálidos de cólera e chiar de dor não era o que o prendia ali alapadinho no chão a cismar. Era o sino, era aquele toque triste como a noite e mais frio que a noite, mais frio que o vento que entra pelo telhado e pelo pedacinho de papelão. Sim, era isso o que Augusto ouvia e a mãe temia que o filho não ouvisse. Mas que um ouvir estranho, diferente: era como se o Augusto estivesse num sonho a ouvir o sino. Ele conhecia o sino como conhecia todas as coisas da sua terra: ninhos de melros e a cor dos seus ovos, pomares, as uvas de qualidade de todas as latadas e a cólera dos donos. Já subira à torre da igreja e tocara o sino com as suas mãos; já ajudara o sacristão, trôpego e velho, a fazê-lo badalar. Porquê então aquele toque diferente como se estivesse num sonho a ouvir o sino? Nunca o sino tocara assim. Era como se estivesse a chamá-lo, a pedir-lhe qualquer coisa que o Augusto não entendia.

O Augusto cismava e tudo veio então de mansinho, sem dar por isso. Augusto recordava...

UM SONETO ESCRITO NO SEGREDO

*Paris das estátuas que o sangue ia florir,
do céu cor de asa de avião, ao sol morrendo:
recordo-me de tudo e oiço renascendo
longínquo, um canto, como a cinza a abrir.*

*Há tanto já amei esta cidade, quando
meu quarto era caiado a velho alvorecer
e a mel. Um orgulhoso rosto ia aquecer
a gelidez do espelho pálido, pensando.*

*Os móveis eram de acajú e sobre os mármore
uma jarra. Pela vidraça plumbea, as árvores
mostravam a folhagem verde a despontar.*

*Lembro-me bem: quedava em pé, olhando desta
janela, as calçadas, esse ruído de festa
quotidiana e constante, como o mar.*

JEAN CASSOU

(Da revista «Vértice»)

Versão livre de Carlos de Oliveira

«Dizem que foi um ataque. Até lhe deram água por mor daquilo... Recordas?»

«Recordo. Mas não foi nada um ataque nem qual quê! Um ataque não dá assim quando a gente vai a andar todo porreiro».

«Dizem que safu da escola por mor do mal lá da tuberculosa. Dizem que aquilo pegava às outras. Dizem que isso da tuberculosa põe a gente a tossir, a tossir, até que a tosse também dá nos outros».

Augusto recorda, primeiro de mansinho, sem dar por isso, depois numa torrente. Recorda porque o toque do sino o chama, alguém o chama. Augusto inquieta-se; olha para a mãe mas a mãe nada lhe diz...

O toque do sino é triste e como o frio que deixa um arrepio na terra e nos corpos da gente. O lume está agora a precisar de mais lenha, já não estala o cavaco verde porque o fogo o comeu. Já não se vêem os pequeninos pontos vermelhos no bojo negro da panela onde se aquece a ceia do pai, da mãe, do filho. Mas o Augusto não tem atenções para o lume quase morto; os seus olhitos miudos e inquietos fitam a panela negra, mas a panela negra não é o que ele vê. O que ele vê é aquilo que o chama, aquilo que está para além do toque triste do sino. O que ele vê é um rostinho de nariz arrebitado, de olhos muito negros e sempre arregalados e brilhantes que nunca mais verá. O que ele vê são as longas tranças que lhe escorregavam pelas costas estreiti-

nhas. O que ele vê é a Deolinda de rosto sempre pálido e orelhas transparentes — e que nunca mais verá. O que ele vê é a Deolinda que fazia de sua «mulher» quando brincavam «aos casados» e que sempre lhe dizia, quando ele batia nos meninos: «Gusto, não batas nos meninos. É uma coisa feia!»

Uma lágrima correu-lhe pela cara, desceu-lhe pelo pescoço e perdeu-se-lhe no peito. E o Augusto estremeceu; os seus olhitos assustados abriram-se mais; e abriu-se-lhe também a boca, dolorosamente, como se no estômago tivesse uma dor aguda. Já não se ouvia o toque do sino, mas o rapaz sentia que alguma coisa ainda o chamava, lhe falava. Chorava agora abundantemente. Olhou de novo para a mãe e a mãe nada lhe disse. E foi então que num repente, aflito, sem dar tempo a nada, correu para fora. A mãe ainda lhe gritou: «Gusto, ó Gusto!» — mas já ele ia longe, a fralda da camisa abanando ao vento e as pernas magritas, numa dobadaura, a ganharem distância.

E quando lá chegou só teve tempo para ouvir o latim do padre. Depois foi aquela cova escura a engulir o caixão branco que levava a sua Deolinda, que levava a sua «mulher» da brincadeira «aos casados» e que dizia que bater nos meninos era uma coisa feia. Quando lá chegou só viu aquilo, aquilo que o assustou tanto, tanto, que até nem deixou que os seus olhitos pequeninos e inquietos uma lágrima mais chorassem.

Marcelino Mesquita

CELEBRA-SE este ano, o centenário do nascimento de mais um vulto grande da nossa história Literária: Marcelino Mesquita.

Nasceu no Cartaxo em 1856 e faleceu em 1919. É pois um escritor contemporâneo.

Estudou medicina e formou-se nesta ciência embora nunca tivesse chegado a exercer clínica. A sua paixão eram as letras às quais consagrou a sua vida, escrevendo romances, poesias líricas e dramas.

Foi um dos grandes dramaturgos portugueses e foi este género que verdadeiramente o celebrizou.

É vasta a sua obra e contam-se por muitos os dramas e comédias. São sobretudo notáveis os dramas históricos «Leonora Teles», «O Regente», «Pedro, o Cruel», etc.

A Pátria reconhecida presta-lhe homenagem erguendo o seu nome ante a admiração das gerações novas.

DOCEMENTE

Ele há tanta mulher! . . . mas por que fantasia
Entre tantas, só uma a nossa simpatia
Distingue, escolhe e quer?! Uma só avassala,
Nos dulcifica o olhar e nos perturba a fala!
Quando ela passa o olhar tem um perfume casto,
Embriaga o sorrir! Quando nos olha, o vasto
Campo negro do céu, cheio de tanta estrela,
Nenhuma tem com luz que imite os olhos dela!
Em tudo nos parece extraordinário ser:
Na graça do andar, no mimo de dizer;
Tudo nela é tão bom, tão engraçado, ilude,
Que a própria imperfeição transforma-se em virtude.
Quando aparece, a alma alegre-se, tão cheia
De luz como ao domingo o adro duma aldeia!
Quando foge, se afasta, o nosso pensamento
Vai atrás dela, louco e carinhoso e atento,
A recordar-lhe o ar, a graça, o todo o belo,
O som da sua voz, a cor do seu cabelo,
O que empresta à saudade essa doce tortura. . .
Quando ela chora, — ho! céus, que horrída amargura!
É como se o mar todo, em lágrimas desfeito,
Caisse, sem cessar, dentro do nosso peito.
Ele há tanta mulher! . . . mas por que fantasia
Entre tantas só uma a nossa simpatia
Distingue, escolhe e quer!?

Marcelino Mesquita

CORRIGENDAS

Na primeira página, no poema «Labirinto», onde se lê vagava deve ler-se vogava; na última, além de outras, onde se lê jarmins leia-se jasmims e onde se imprimiu selavancos devia imprimir-se solavancos

DE LUTO

«Boletim Social da TEBE» apresenta sentidas condolências ao Ex.^{mo} Snr. Luís A. das Neves, nosso estimado colaborador, pelo falecimento de seu querido Pai.

Leia, assine, divulgue «Boletim Social da TEBE» . . . um jornal de trabalhadores para ser lido por trabalhadores.

Aniversários

Secção dirigida por Carlos da Quinta e Costa

Fazem anos no próximo mês de MAIO os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — Maria da Glória Martins, Maria Augusta da S. Ferreira e Deolinda da S. Fernandes.

DIA 2 — José Joaquim Moreira Dias e Maria Manuela Fernandes de Castro.

DIA 3 — Maria Augusta Arantes da Silva e Maria Aida Torres Gomes.

DIA 4 — Domingos do Vale, Ana Mendes da Costa Borges, José Ferreira Peixoto de Carvalho e Maria Júlia Sequeira de Miranda.

DIA 6 — Manuel Quintela de Freitas.

DIA 8 — Rosa Gomes Ferreira e Eduardo M. Figueiredo.

DIA 10 — Diamantina Neiva Pereira, Maria Isabel Martins B. Mesquita, Conceição Pereira, Maria Zélia Figueiredo Pereira e Maria da Assunção Gomes Ferreira.

DIA 11 — Henrique José de S. Calheiros da Silva e Arminda de Azevedo Gomes.

DIA 12 — Joaquina Vieira Alves, Maria Deolinda M. Gonçalves, Maria da C. de Carvalho e Rosa de Jesus F. Cardoso.

DIA 13 — Manuel Miranda, Maria Lopes Martins e Beatriz Augusta da Silva Portela.

DIA 14 — Maria Amélia Rodrigues da Silva.

DIA 15 — Abrião de Jesus G. Martins.

DIA 16 — Maria Tereza Gomes de Sousa, Cezília Gonçalves de Brito e Maria da Conceição Oliveira Lopes.

DIA 18 — Maria Odete Miranda Alves e Alberto de Castro Pinto.

DIA 20 — Maria Alice Rodrigues Vilas Boas, Maria Beatriz de J. Gomes Ferreira e Fernanda Teixeira Veríssimo.

DIA 21 — Maria de Lourdes Alves Simões e Maria Júlia de Oliveira Alves.

DIA 22 — Joaquina Faria de Oliveira.

DIA 24 — Manuel da Silva Pereira, Maria da Glória Fernandes Lopes e António de Jesus Lourenço Ramos.

DIA 25 — Maria do Carmo C. Vilas Boas, Maria da Glória da S. Gomes, Manuel Ferreira e Maria Angela F. Dantas.

DIA 26 — Josefa Oliveira da Rocha, Amílcar Simões Carvalho, Maria Helena da Silva Martins, Manuel Casimiro P. Figueiredo e Maria do Sameiro Gomes Rodrigues.

DIA 27 — Maria da Silva Andrade, Maria da Conceição Machado Ribeiro e José Gomes Barros de Mesquita.

DIA 29 — Ana Madalena de Jesus, Maria Manuela Fernandes da Silva e Maria Adelaide Ferreira Araújo.

DIA 30 — Diluvina Correia Calheiros.

DIA 31 — Rosa Irene Martins de Sá e Maria do Carmo Ferreira Lopes.

FESTAS DAS CRUZES

PROGRAMA

DIA 3 — Grande Feira Franca das Cruzes que há mais de 300 anos se realizava com um colorido e tradicional cenário de costumes regionais e etnográficos.

Às 11 horas — No Templo do Senhor Bom Jesus da Cruz, imponentíssimas solenidades Religiosas, acompanhadas a grande instrumental.

Às 12 horas — Concurso Pecuário, o maior e mais concorrido do Norte do País. (Organização do Grémio da Lavoura de Barcelos).

À Noite — Grande Arraiá Nocturno, e Feira de Diversões.

Concertos por boas e afamadas bandas de música.

Grandiosa sessão fogo do ar, do pirotécnico Libório Joaquim Fernandes, de Lanhelas.

DIA 4 — Durante a manhã afamadas bandas de música darão concertos nos coretos.

Às 15 horas — por altas Entidades Oficiais, Inauguração da Exposição de Arte dos Trabalhadores (organização e exposição na Sede do Grémio do Comércio).

À noite — Concertos musicais e grandiosa sessão de fogo preso e do ar do

pirotécnico José Maria Fernandes, de Lanhelas.

DIA 5 — Às 10 horas — Entrada da Banda Marcial de Tarouquela — Cinfães.

Às 17 horas — Recepção na Câmara Municipal à Secção Feminina da Famlange Espanhola e à Banda do Regimento de Infantaria n.º 12, de Saragoça.

Às 21,30 horas — No Parque da Cidade — Noite luso-galaica e grandiosa sessão de fogo preso.

DIA 6 — Às 15 horas — No Parque da Cidade, Concurso de Traje da Região de Entre Minho e Beira Doura, com o concurso de Grupos Folclóricos Nacionais e Espanhóis. Centenas de fatos em parada, que constituirão o maior e mais belo desfile etnográfico e folclórico.

À noite — O fogo do Rio — Majestoso espectáculo de cor e alegria, no Rio Cávado, que terá as suas margens iluminadas com mais de 30 mil lumes vivos. Os fogos desta noite, são de Silva e Filhos, de Viana do Castelo. Iluminações de Souto, Filho, do Porto.

Ornamentações de João Faria (Filho) de Barcelinhos.

Publicações recebidas

Têm-nos visitado, com regularidade, as seguintes publicações:

«O Pejão» mensário do pessoal das minas do Pejão, o «Despertar» bi-semanário que se publica em Coimbra e o «Boletim da Fil», órgão dos trabalhadores da Fil.



Revista «Portugal d'Aquém e d'Além-mar»

Recebemos o número de Março desta interessante revista e que se refere às nossas actividades.

Bem hajam pelas amáveis palavras que nos consagram.

Igualmente se refere à projecção da TEBE na vida industrial, bem como à acção fomentadora desenvolvida pelo Ex.^{mo} Snr. Campos Henriques.

Livraria **ATEIA**

Rua D. António Barroso

A única, em Barcelos, que tem tudo em artigos de escritório, livros nacionais e estrangeiros. Artigos de bazar e ménage.

Uma casa honesta com preços sem rival.

João Gonçalves Martins

Um nome ao serviço das conceituadas águas

: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

«**A MUNDIAL**»

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

PASSATEMPO

(Continuação da página 2)

De notar a descida de 2.º para 4.º lugar do concorrente ODA-GLD. Este concorrente foi um dos mais regulares, vindo a baixar na última série.

Igualmente o 5.º classificado João Cândido da Silva, passou para o 9.º lugar.

De louvar a perseverança das 2 concorrentes femininas MARIOLINDA e MARIMILA, a quem muito particularmente enviamos as nossas saudações, muito embora, não liguemos os nomes às pessoas.

No próximo número do «Boletim Social da TEBE», anunciaremos a data da entrega dos prémios oferecidos pelo nosso jornal, aos concorrentes classificados no «Quadro dos Campeões».

Mais uma vez a todos: obrigado.

AMOR, NOIVADO, CASAMENTO

Pai (depois que o rapaz pediu-lhe a mão da filha)—Oh! Maria, vem cá! O Juca acaba de fazer de mim o homem mais feliz do mundo!

Ela—Quero casar-me com uma mulher jovem, bonita, generosa e que não seja presumida.

Ela—Que sorte, querido; ter-me encontrado!

—Mamãe, não quero me casar com o Libório. É um hereje, um incrédulo. Disse-me que não acredita na existência do inferno.

—Não faças caso, minha filha. Casa-te com ele. Eu e tu lhe provaremos logo que o inferno existe.

—Sabe que papai perdeu toda a fortuna?

—Eu sabia que ele haveria de fazer tudo para desmanchar o nosso noivado.

O garoto (ao namorado da irmã)—Moço, o senhor é peixe, por acaso?

—Não, menino, por que pergunta?

Porque mamãe e minha irmã estavam dizendo que o senhor mordeu o anzol...

Ela—Que foi o que voce achou de atraente em mim?

Ele—Engraçado! Todos os meus amigos me perguntam a mesma coisa.

O SAMETIL na voz dos que o usam

Sametil—medicamento ideal da pele

Ex.^{mo} Senhor Dr. Armando Baptista Pinhel

Desde 1938 que minha mulher sofria horrivelmente de uma doença de pele em sítio melindroso.

Consultei quase todos os Médicos aqui dos sítios e sem resultado.

A conselho de alguém levei-a para a cidade do Porto onde consultei vários médicos especialistas e durante 4 anos gastei muito dinheiro sem resultado.

Fui com ela a Coimbra, consultei vários médicos sem resultado.

Internei-a no Hospital da Guarda; o resultado foi o mesmo. Fartei-me de gastar dinheiro em Ovulos e Penicilinas.

Minha mulher passava noites e dias num grande sofrimento.

Uma noite julguei que se daria o desastre fatal—a morte. Uma pessoa amiga indicou-me o SAMETIL LIQUIDO. Sem esperança alguma fui comprar este abençoado SAMETIL.

No primeiro dia em que o usou dormiu completamente. Continuei aplicando mais alguns frascos, minha mulher está completamente curada.

Peço-vos que não falsifiqueis este santo remédio, para bem da humanidade.

Autorizo a fazer o uso desta carta que quiser.

Montes — Jarmelo — Guarda, 8 de Fevereiro de 1956.

Muito atentiosamente me subservevo

António Miguel Gonçalves Diniz

Concurso de Quadras Populares

Tem despertado grande interesse o concurso de quadras populares que, em boa hora nos lembramos de promover, com o patrocínio das casas comerciais desta cidade.

Assim, e na segunda série, recebemos diversa produção dos nossos estimados leitores, (nada menos de 12 cartas) num total de 36 quadras.

Se algumas não correspondiam às normais condições de métrica e rima, não se podendo sequer considerar poesia moderna, outras tinham relativo interesse.

O júri resolveu destacar a seguinte quadra:

Diz-se que bem e depressa
Normalmente, há pouco quem;
Pois mesmo com muita pressa,
«Big-Ben» escreve bem.

assinada por Jesus Emanuel da Fonseca Evangelista, desta cidade, pelo que este estimado concorrente, deverá dirigir-se à PAPELARIA LIZ, identificando-se, afim de receber o seu prémio de Série, ou seja uma caneta «LIZ-PEN», com o seu nome gravado.

Mais uma vez publicamos os prémios que a

PAPELARIA LIZ
DE BARCELOS

oferece ao produtores das 3 melhores quadras que, no final deste concurso, (ou seja no fim das 4 Séries) se classificarem nos primeiros postos:

- 1.º — Uma caneta «LUXOR» no valor de 200\$00
- 2.º — Uma caneta «LUXOR» no valor de 140\$00
- 3.º — Uma caneta «BIG-BEN», no valor de 45\$00

Mote para a quadra da III Série:

EU QUERO UMA «BIG-BEN»

BIG-BEN

N.º 3

CURIOSIDADES

O ouro não é o metal mais caro. Há outros que vão muito além... A platina alcança maiores preços e mais que a platina o rádio, famoso pelas suas aplicações terapêuticas, particularmente em casos de doenças de pele e cancro.

O que se vê mais comumente é o cloruro de rádio já muito caro, o bromuro de rádio, vendido já antes da passada guerra a 30.000 escudos, e outros preparados.

O rádio puro chegou a pagar-se então a 500.000 pesetas o grama.

III III III

TRÊS ACTOS

*São três actos nossa vida,
eu digo e tu deves crer...
Pode assim ser resumida:
nascer... pensar... e morrer...*

Luiz Octávio

III III III

O primeiro telescópio foi usado na Inglaterra em 1608, porém os astrónomos já se serviam de lentes mais ou menos aperfeiçoadas para inspecção o firmamento.

III III III

A primeira Bíblia Hebraica completa foi impressa em 1458. É o livro que mais edições tem tido em quase todas as línguas. Foi também o primeiro livro a ser impresso com caracteres.

III III III

O alfabeto mais abundante de letras é o tártaro, pois tem nada mais nada menos que 205.

III III III

Quem primeiro determinou a velocidade da luz, foi o dinamarquês Roemer, em 1675, observando os eclipses dos satélites de Jupiter.

III III III

O compasso foi inventado por Tálus, sobrinho de Dédulo. Anvia inventou o martelo e as tenazes.

III III III

A primeira pena de aço foi feita em 1830. Anteriormente usavam-se penas de várias aves, especialmente de pato.

III III III

Talvez não saiba que as estátuas de mármore se podem facilmente limpar empregando água de sabão, morna, levemente misturada com água de Javel.

Sabedoria do povo

Água de Maio, pão para todo o ano.

A quem em Maio come sardinha, em Agosto lhe pica a espinha.

Neste mundo mesquinho quando há para pão não há para vinho.

AQUELA TARDE...

sol, com os seus raios doirados, banhava e coloria toda a aldeia. Ouviam-se as sinfonias, suaves e levemente melancólicas dos grilos, que cantavam nos valados, cobertos de ervas ressequidas pelo Estio. Os caminhos, abrigados por grandes latadas de vinha, pendendo destas, rubres cachos de uvas, protegiam o caminhante do calor, dando-lhe uma agradável sensação de bem estar. Ao centro, passava uma estrada, — tira preta, aos zigue-zagues entre os campos, cheirando a asfalto queimado —, que os velhotes olhavam com saudade, recordando os antigos caminhos, onde o chiar dos eixos do carro, puxado por dois bois pachorrentos, se confundia com o barulho das rodas, nos selavancos mais acentuados da calçada...

Numa tarde destas, límpida e serena, dum domingo de Agosto, José Manuel — o filho do Morgado das Bouças —, safu do seu solar, como aliás fazia todos os domingos, direcção à estrada, onde se encontrava com uma rapariga sentada à sombra fresca de frondosa árvore, como sentinela vigilante de quem passava por ali... Parou, cumprimentou-a e entabulou conversa.

O seu graciosíssimo corpo estava envolto num vestido branco de linho, tendo recortes vermelhos nos bolsos e enfeitado também com botões vermelhos, deixando livre o pescoço e a nascença do busto. Calçava sapatos pretos, feitos com tiras de cabedal entrelaçado, vendo-se os delicados e formosos pés. O abundante e rebelde cabelo loiro, dominado por um penteado artístico, levantava-se, às vezes, pela vibração do vento, mostrando os fios de côr do ouro. Mas esses faziam, com a juventude do rosto, certo contraste estranho, e atraíam irresistivelmente a atenção de qualquer rapaz. Enfim, o brilho vago dos seus olhos demasiado castanhos, davam-lhe uma adorável expressão de meiguice. A voz era doce, pura e vibrante; daquelas que retinam dentro em nós, para nunca mais se esquecerem... Chamava-se Maria da Conceição...

Mas que bonito nome! Faz-nos lembrar uma cantiga...

Agosto, mês de férias, raramente saíam da aldeia. E, a não ser aos domingos, poucas vezes se encontravam.

Nessas alturas, recordavam então, os tempos idos, quando os dois seguiam na caminheta que os conduzia à cidade, com rumo ao colégio, onde a bola e o arco eram os seus brinquedos preferidos, pondo de parte os estudos. Mais ainda: relembavam os primeiros amores, as primeiras contrariedades, os grandes desgostos... tudo novidade, enfim.

A tarde desse domingo, passou depressa... O sol, principiou a esconder-se por detrás das montanhas. A despedida, aproximava-se. Eram horas de regressarem a casa.

Mas o José Manuel, em lugar de ir-se embora, continuou naquele local, onde estiveram toda a tarde a conversar, procurando retê-la na memória e no coração e por sua vez, esperando qualquer coisa...

Passado pouco tempo, a Maria da Conceição, voltou pela estrada abaixo com um cântaro à cabeça. Vinha para a fonte, descalça, vestindo blusa axadrezada de manga curta e saia de chita às flores com muita roda.

O Morgado acompanhou-a. Ao chegarem próximo dessa, viram o padre da aldeia, o senhor Reitor, que andava a ver as uvas no passal. Esconderam-se junto dum arbusto, que crescia na orla do caminho, até se retirar. Depois, continuaram.

Enquanto o cântaro enchia, naquele fio de água que corria sempre, sempre... Sentaram-se numa moita de erva fresca. Ele, principiou a atirar-lhe pedacinhos de relva, que lhe caíam lentamente no regaço.

Era noitinha. Hora de romance e saudade.

Disse-lhe, a seguir:

— Anda... Bebe dessa água pura e cristalina.

Curvou-se sobre o fiozinho prateado e nos seus lábios, passou uma gotinha.

— Já bebi... — Respondeu-lhe, com um sorriso inexplicável através daqueles lábios, que mais pareciam uma rosa a desabruçar...

Ergueu-lhe o cântaro e segurou-o até se encontrar bem firme na bondosa cabecita.

Seguidamente, abandonaram a fonte, deixando o fiozinho sempre a correr...

Nunca mais esqueceram aquela tarde, em que leram para sempre nas pupilas dos seus olhos, o que os corações pensavam!

Sidónio Ferreira

As malhas TEBE caminham seguras do seu valor.

Quem usar malhas TEBE não deseja outras.

Miscelânea Cultural

Trabalhos agrícolas (Maio)

Nos campos — Preparar as terras para a sementeira e plantações da época, adubando-a com adubos orgânicos animais, sempre possível. Abarbeitar para os nabais de verão. Semear: milho de folha e restivo nas margens das praganas e nas terras fendas de regadio; trigo sarraceno, feijão rasteiro, soja, feijão fradinhos sequeiros.

Semear melões e melancias em covas bem preparadas e estrumadas.

Renovam-se as sementeiras feitas em Abril que porventura tenham falhado.

Nos pomares — Plantam-se ainda fruteiras de espinho, cujo pagamento é agora rápido e garantido não faltando rega.

Nos jardins — Plantam-se já minis, flocos e gigantes. Semear-meiam-se campânulas, papagaio, centaureas e goivos. Devem-se combater e exterminar lesmas, caracóis, lagartas, etc.

Da educação

O homem deve ser educado segundo o ideal do homem perfeito, tal qual está na ideia de Deus. A educação dos grandes, dos que defendem a cultura, de, consta essencialmente de ginástica e de música.

A ginástica é a educação física, a higiene, o desporto, harmonia dos movimentos, ritmo, a boa alimentação sob o mas suficiente, a ciência da bravura e da coragem.

A música é a ciência das ciências, o conhecimento das artes patrocinadas pelas musas que nos deixam antever alguma coisa da sua beleza e bondade. É a ciência mais essencial porque é ela que estuda o ideal bebido na fonte perene das ideias.

(Doutrina de Platão)

Visado pela Comissão de Censura

RECORTE

Organização Portuguesa de Recortes da Imprensa

Se V. Ex.^a deseja estar ao corrente de tudo quanto se escreve na Imprensa do País ou do estrangeiro sobre qualquer assunto do seu interesse, dirija-se a «RECORTE» que lhe prestará todas as informações.

RUA PALMIRA, 66-1.º — LISBOA
Telefone 845891 — APARTADO 571